

Evangelho do 25º Domingo do Tempo Comum: Os trabalhadores da vinha

Evangelho do 25º Domingo do Tempo Comum (Ano A) e comentário do evangelho.

Evangelho (Mt 20,1-16)

O Reino dos Céus é como a história do patrão que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia, e os mandou para a sua vinha.

Às nove horas da manhã, o patrão saiu de novo, viu outros que estavam na praça desocupados, e lhes disse: “Ide também vós para a minha vinha! E eu vos pagarei o que for justo”. E eles foram. O patrão saiu de novo ao meio dia e às três horas da tarde, e fez a mesma coisa.

Saindo outra vez pelas cinco horas da tarde, encontrou outros que estavam na praça, e lhes disse: “Por que estais aí o dia inteiro desocupados?”

Eles responderam: “Porque ninguém nos contratou”.

O patrão lhes disse: “Ide vós também para a minha vinha”.

Quando chegou a tarde, o patrão disse ao administrador: “Chama os trabalhadores e paga-lhes uma diária a todos, começando pelos últimos até os primeiros!”

Vieram os que tinham sido contratados às cinco da tarde e cada um recebeu uma moeda de prata.

Em seguida vieram os que foram contratados primeiro, e pensavam que iam receber mais. Porém, cada um deles também recebeu uma moeda de prata. Ao receberem o pagamento, começaram a resmungar contra o patrão: “Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o cansaço e o calor o dia inteiro”.

Então o patrão disse a um deles: “Amigo, eu não fui injusto contigo. Não combinamos uma moeda de prata? Toma o que é teu e volta para casa! Eu quero dar a este que foi contratado por último o mesmo que dei a ti. Por acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja, porque estou sendo bom?”

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.

Comentário

A parábola dos operários da vinha é uma das explicações mais expressivas do Reino dos Céus e, por extensão, de como deve ser a resposta humana à chamada divina. A imagem da vinha está profundamente enraizada na Bíblia e é empregada habitualmente no Antigo Testamento para simbolizar a ação de Deus sobre o povo eleito, que é como um campo de videiras do qual se cuida com esmero e que deve produzir o bom vinho da salvação (cfr. Is 5, 1-7; Sl 80; Ez 15, 1-8).

Na parábola, Jesus se refere à contratação de empregados que trabalham no campo. Como acontece com outras parábolas, o

desenvolvimento da história nos desconcerta e desafia os nossos critérios e esquemas. A princípio, parece que os operários contratados no início do dia têm razão quando dizem que trabalharam muito mais do que os que o patrão contrata no final da tarde. Se o patrão é bom com estes por terem trabalhado um pouco, por que a sua bondade não se manifesta mais com os que trabalharam mais? Pelo contrário, o patrão responde a um dos que se queixam: “Amigo, eu não fui injusto contigo. Não combinamos uma moeda de prata? Toma o que é teu e volta para casa! Eu quero dar a este que foi contratado por último o mesmo que dei a ti. Por acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja, porque estou sendo bom?” (vv. 13-15).

A lição da parábola diz respeito, em certo sentido, à caridade para com

Deus e para com os outros: já que todos recorremos e nos beneficiamos da misericórdia divina (que tem uma vinha e pode dar trabalho a quem precisa), não tem sentido exigir de Deus supostos direitos de justiça ou queixar-se de que outros se beneficiem do seu amor. Como Deus é magnânimo, pede-nos que sejamos magnânimos como ele.

O Papa Francisco explicava assim: “Com esta parábola, Jesus quer abrir o nosso coração à lógica do amor do Pai, que é gratuito e generoso. Trata-se de nos deixarmos surpreender e fascinar pelos ‘pensamentos’ e pelos ‘caminhos’ de Deus que, como recorda o profeta Isaías, não são os nossos pensamentos, não são os nossos caminhos (*cf. Is 55, 8*). Os pensamentos humanos são muitas vezes marcados por egoísmos e interesses pessoais, e as nossas veredas estreitas e tortuosas não são comparáveis com os caminhos largos

e retos do Senhor. Ele é misericordioso – não nos esqueçamos disto: Ele é misericordioso – perdoa amplamente, está cheio de generosidade e de bondade, que derrama sobre cada um de nós, abrindo a todos os territórios ilimitados do seu amor e da sua graça, os únicos que podem conferir ao coração humano a plenitude da alegria”[1].

São Josemaria deduzia também da parábola a necessidade de aproveitar o tempo para fazer o bem, para trabalhar na vinha do Senhor, no meio das nossas ocupações diárias: “aquele homem volta à praça em diferentes ocasiões para contratar trabalhadores; uns são chamados ao romper da aurora, outros muito perto da noite. Todos recebem um denário: *o salário que te havia prometido, isto é, a minha imagem e semelhança. No denário está gravada*

a imagem do Rei. Esta é a misericórdia de Deus, que chama cada um de acordo com suas circunstâncias pessoais, porque quer *que todos os homens se salvem*. Mas nós nascemos cristãos, fomos educados na fé, fomos escolhidos claramente pelo Senhor. Esta é a realidade. Então, quando nos sentimos chamados a corresponder, mesmo que seja à última hora, será que podemos continuar na praça pública tomado sol, como muitos daqueles operários, porque lhes sobrava tempo?”[2].

“Vamos juntos à presença da Mãe de Cristo. – convidava São Josemaria como conclusão – Mãe nossa, tu, que viste crescer Jesus, que o viste aproveitar a sua passagem entre os homens, ensina-me a utilizar os meus dias em serviço da Igreja e das almas. Mãe boa, ensina-me a ouvir no mais íntimo do coração, como uma censura carinhosa, sempre que

seja necessário, que o meu tempo
não me pertence, porque é do Pai
Nosso que está nos Céus”[3].

[1] Papa Francisco, *Angelus*, 24 de setembro de 2017.

[2] São Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 42

[3] *Idem*, n. 54.

Pablo M. Edo // Foto: Warren Wong - Unsplash
